



Pedro Parente acredita que os vetos vão mudar a feição do Orçamento aprovado pelo Congresso

“Clube de Paris faz jogo de cena”

O secretário nacional de Planejamento, Pedro Parente, está otimista com relação à renegociação da dívida externa brasileira, especialmente aquela contraída junto ao Clube de Paris. Ele considera as arestas entre a entidade que congrega os governos credores do País e o governo brasileiro “mera posição negociatória”. E explica: “Estamos na fase preliminar de negociação e é normal que, nesta fase, todos cantem de galo. Afinal, ninguém começa uma negociação amolecendo. Mas não vejo nenhum impasse, ao contrário”.

Pedro Parente acredita que os entendimentos estão bem encaminhados e argumenta: “Estamos esperando o ministro Marcílio voltar do exterior para rearrumar a agenda de contatos com os membros do Clube de Paris. O Gros (Francisco Gros, presidente do Banco Central) deverá embarcar semana que vem para tratar do assunto com o governo japonês; quando chegar, o ministro definirá quais outros assessor

es manterão contatos com quais governos representados no Clube de Paris. Não estamos preocupados com a solução do problema. Ela está bem encaminhada”.

O Brasil, rememorou Pedro Parente, já fez três acordos de renegociação com o Clube de Paris. O primeiro, em novembro de 1983; o segundo, em janeiro de 1987; e o último em julho de 1988. O montante da dívida do País com a entidade é de US\$ 20,5 bilhões e desse total, segundo o secretário, cerca de US\$ 1 bilhão, financiado após a última renegociação não é passível de reescalonamento. Isso, entretanto, não é considerado problema adicional ou complicador nos entendimentos desenvolvidos com o Clube de Paris.

Da dívida total, segundo Pedro Parente, US\$ 12,5 bilhões são débitos que já foram reescalados em função de negociações anteriores; US\$ 7 bilhões são dívidas novas, que nunca foram objeto de renegociação — e, provavelmente, nesse

universo que será encenada a mais importante e proveitosa negociação com os governos credores, do ponto de vista brasileiro. Do ponto de vista dos credores, o cenário principal, certamente, será o da discussão das dívidas atrasadas (já vencidas e capitalizadas com juros de mora). Segundo o secretário, esta dívida chega hoje a US\$ 8,9 bilhões.

Pedro Parente aposta que o entendimento com o Clube de Paris será mais rápido do que um acordo com os bancos credores estrangeiros: “Os integrantes do Clube são governos e governo sempre tem uma posição institucional, o que facilita o entendimento. Os bancos credores, ao contrário, somam centenas de instituições privadas, cada uma com um pensamento diferente o que, certamente, torna mais difícil um acordo”.

O secretário preferiu não estabelecer um prazo para o Brasil se acertar com seus credores externos.